

STEPHANIE WROBEL

A MINHA
QUERIDA
ROSE GOLD

Tradução
Mário Correia

 Planeta

Para os meus pais,
Ron e Kathy Wrobel

Patty

O dia da saída

A minha filha não tinha de testemunhar contra mim. Fê-lo porque quis.

Foi por culpa da Rose Gold que eu fui parar à prisão, mas não só dela. Se estamos a apontar dedos, o meu está apontado ao procurador e à sua hiperativa imaginação, ao júri que se deixou enganar e aos jornalistas sedentos de sangue. Todos eles clamaram por justiça.

O que queriam era uma história.

(Preparem as pipocas porque, gente, eles escreveram uma história!)

Era uma vez, disseram, uma mãe malvada que deu à luz uma filha. A filha parecia estar muito doente e tinha todo o género de problemas. Alimentavam-na por um tubo, os cabelos caíam-lhe às mãos cheias e era tão fraquinha que precisava de uma cadeira de rodas para andar de um lado para o outro. Durante dezoito anos, nenhum médico conseguiu descobrir o que se passava com ela.

Então apareceram dois agentes da polícia para salvar a filha. Ouçam e pasmem: a rapariga era perfeitamente saudável – a mãe malvada é que era doente. O procurador disse a toda a gente que a mãe andava a envenenar a filha há anos. Era por culpa da mãe que a rapariga não parava de vomitar, que sofria de malnutrição. Abuso infantil agravado, chamou-lhe ele. A mãe tinha de ser castigada.

Quando foi presa, a imprensa caiu em cima dela como um bando de abutres, desejosa de ganhar dinheiro com a destruição de uma

família. Os cabeçalhos clamavam pelo sangue da Patty *Peçonhenta*, uma mestre da manipulação com cinquenta e alguns anos. Todos os amigos da mãe acreditaram nas mentiras. Via-se gente a ressumar superioridade e justa indignação por todo o lado; não havia advogado, polícia ou vizinho que não tivesse a certeza de ter sido o salvador da rapariga. Puseram a mãe na prisão e atiraram fora a chave. Fora feita justiça e a maior parte das pessoas viveu feliz para sempre. Fim.

Mas onde estavam os advogados enquanto a mãe esfregava da alcatifa o vomitado da rapariga pela milésima vez? Onde estavam os polícias enquanto a mãe passava noites a fio a ler livros de medicina? Onde estavam os vizinhos quando a garotinha gritava pela mãe antes do nascer do Sol?

Expliquem-me isto: se eu passei quase duas décadas a maltratar a minha filha, por que se ofereceu para me vir buscar hoje?



O Connolly aproxima-se da minha cela ao meio-dia em ponto, como prometera.

– Está pronta, Watts?

Levanto-me da cama e estico o uniforme de caqui, que me arranha.

– Sim, senhor.

Tornei-me uma mulher que gorjeia.

O barrigudo diretor da prisão puxa de uma grande argola de chaves e assobia enquanto abre a minha porta, fazendo-a deslizar para o lado. Sou a detida preferida dele.

Detenho-me por um instante junto à cama da minha companheira de cela, a não querer fazer uma cena. Mas a Alicia já está sentada contra a parede, a abraçar os joelhos. Ergue os olhos para os meus e desfaz-se em lágrimas. Parece muito mais nova do que os seus vinte anos.

– Então, então. – Inclino-me para a frente e abraço a rapariga. Tento dar uma espreitadela aos pulsos envoltos em ligaduras, mas ela apanha-me. – Continua a aplicar a pomada e a mudar as ligaduras. Nada de infecções – digo, a agitar as sobrancelhas.

A Alicia sorri, as lágrimas a mancharem-lhe a cara. Deixa escapar um soluço.

– Sim, enfermeira Watts.

Tento não me emproar. Fui durante doze anos uma assistente de enfermagem diplomada.

– Menina bonita. Hoje a Díaz vai andar contigo pela pista. Trinta minutos. Ordens do médico.

Sorriso-lhe também e acaricio-lhe os cabelos. Os soluços pararam.

– Escreve-me?

Faço que sim com a cabeça.

– E podes telefonar-me sempre que quiseres.

Aperto-lhe a mão, endireito-me e avanço para o Connolly, que tem estado à espera cheio de paciência. Faço uma nova pausa no umbral e olho para a Alicia, a tomar uma nota mental para lhe escrever uma carta quando chegar a casa.

– Uma hora de cada vez.

A Alicia acena, tímida.

– Boa sorte, lá fora.

Eu e o Connolly dirigimo-nos para a Admissão e Saída. As minhas companheiras de cativo gritam-me as suas despedidas.

– Mantém-te em contacto, ouviste?

– Vamos ter saudades tuas, *Mamã*.

– Evita os sarilhos, *Squito*. – Uma abreviatura de *Mosquito*, uma alcunha dada como insulto mas aceite como elogio. Os mosquitos nunca desistem.

Faço-lhes o meu melhor aceno à rainha Isabel, mas abstenho-me de soprar beijos. É melhor levar isto a sério. Eu e o Connolly continuamos a andar.

No corredor, a Stevens quase me atropela. É tão parecida com um buldogue que nem dá para acreditar: atarracada e forte, bochechas caídas, e até já houve quem a visse babar-se.

– Vais-te embora? Que o diabo te leve – rosna-me.

Era a Stevens que mandava aqui até eu ter chegado. Avesa ao método de usar mel para apanhar moscas, era puro vinagre da cabeça

aos pés. Mas a força bruta e as táticas do medo só levam até um certo ponto, e com uma mulher do meu tamanho não levam a parte nenhuma. Usurpar o lugar dela foi fácil. Não a censuro por me odiar.

Agito os dedos na direção dela, coquete.

– Desejo-te uma vida maravilhosa, Stevens.

– Não envenenes mais rapariguinhas – resmunga.

Estrangulá-la não é opção, de modo que em vez disso mato-a com gentileza. Sorrio, a epítome da serenidade, e sigo o Connolly.

O Centro de Admissão e Saída não tem nada de especial: um longo corredor com chão de cimento, paredes demasiado brancas e celas de detenção com janelas de vidro grosso. Ao fundo do corredor há uma pequena área de escritórios com secretárias, computadores e *scanners*. Podia ser uma empresa de contabilidade, se todos os contabilistas usassem crachás e armas.

Na secretária da receção, a cadeira do funcionário está voltada para o rádio. *Depois de uma curta pausa*, diz o locutor, *temos a história de um bebé desaparecido no Indiana. E ainda, estarão os doces ligados ao cancro? Já a seguir na WXAM*. Não voltei a ver, ouvir ou ler notícias desde o julgamento. A imprensa destruiu-me o bom nome. Por causa deles, a minha filha não me falou durante quatro anos.

Lanço um olhar assassino ao rádio. A cadeira roda para mim e apercebo-me de que conheço o funcionário que lá está sentado. Em privado, refiro-me ao homem calvo e musculoso como senhor Clean. Conheci-o há cinco anos. Namoriscou comigo o dia todo, a perguntar-me que perfume estava a usar, enquanto eu lhe abanava a pestana. Fingia descontração, mas por dentro estava a balouçar entre a fúria pela injustiça da sentença e o medo dos cinco anos seguintes. Não voltei a vê-lo até agora.

– Patty Watts? – diz ele, enquanto desliga o rádio.

Confirmo com um aceno de cabeça.

Sorri.

– Lembro-me de si.

Tira um formulário da gaveta da secretária e desaparece numa arrecadação. Minutos depois, regressa com uma pequena caixa de cartão. Entrega-me uma folha de papel.

– Preciso que verifique a lista do inventário e assine em baixo, para confirmar que se vai embora com tudo o que trouxe para cá.

Abro a caixa e dou-lhe uma vista de olhos antes de rabiscar a minha assinatura.

– Pode ir mudar de roupa – diz o senhor Clean, a apontar a casa de banho e a piscar-me o olho quando o Connolly não está a olhar. Inclino a cabeça e afasto-me, levando comigo a caixa de cartão.

Num dos cubículos, dispo o casaco com as palavras DEPT. CORRECCIONAL estampadas nas costas e procuro na caixa. Ao fim de cinco anos de comida da prisão, o meu par de *jeans* preferido, com o condescendente elástico na cintura, fica-me um pouco largo. Visto a *T-shirt* do Garfield e uma camisola com as iniciais da minha universidade, GCC. As velhas meias estão rijas de suor, mas mesmo assim são melhores do que as ásperas meias de lã que tenho usado. Tiro as sapatilhas de ginástica brancas e reparo num último objeto no fundo da caixa. Pego no medalhão em forma de coração e penso em guardá-lo no bolso, mas em vez disso ponho-o ao pescoço. É melhor que ela me veja a usar a sua prenda de infância.

Saio da casa de banho e devolvo a caixa vazia ao senhor Clean.

– Cuide de si – diz ele, e volta a piscar-me o olho.

Eu e o Connolly continuamos até ao vestíbulo iluminado por lâmpadas fluorescentes do edifício das Admissões em direção ao parque de estacionamento.

– Vem alguém buscá-la, Watts?

– Sim, senhor. Deve estar a chegar.

Tenho o cuidado de não lhe dizer quem me vem buscar: apesar de a Rose Gold ter agora vinte e três anos, algumas pessoas continuam a imaginá-la uma rapariguinha doente. Algumas pessoas não ficariam muito felizes se nos vissem reunidas. Não querem saber se fiquei acordada noites inteiras a vigiar-lhe os sinais vitais sempre que ia para o hospital. Não conhecem a profundidade do amor desta mãe.

Detemo-nos diante da porta. Sinto um formigueiro nas pontas dos dedos quando estendo a mão para a barra de empurrar.

O Connolly coça bigode à Tom Selleck.

– Aquela receita de *pierogi* foi um grande êxito com os meus sogros.
Bato as mãos.

– Eu não lhe disse?

Ele hesita.

– A Martha ficou impressionada. Ontem à noite não dormiu no sofá.

– Passinhos de bebé. Ela está a dar a volta. Continue a ler esse livro.

Nos últimos meses tenho andado a orientar o diretor na leitura do *The Five Love Languages*.

O Connolly sorri e parece perdido por um segundo.

– Ora vamos lá, nada de emoções – brinco, e dou-lhe uma palmada no ombro.

Ele assente com a cabeça.

– Boa sorte lá fora, Patty. E que não nos voltemos a encontrar, *okay*?

– É esse o plano – digo.

Fico a vê-lo afastar-se, os sapatos do tamanho dos de um palhaço a bater no linóleo. Enfia o corpanzil num gabinete e fecha a porta, e então não há mais nada para enfrentar senão um fantasmagórico silêncio. Assim sem mais, o Departamento Correccional do Illinois não quer ter mais nada a ver comigo.

Tento ignorar os loucos batimentos no meu peito. Empurro a porta e saio para a ofuscante luz do Sol, meio à espera de ouvir soar um alarme ou ver uma luz encarnada pôr-se a piscar. Mas é mesmo assim tão fácil: entrar no edifício, sair do edifício, ninguém quer saber. Posso ir ao cinema, à igreja ou ao circo. Podia ser apanhada no meio de uma trovoadas sem chapéu-de-chuva ou assaltada à mão armada. Sou livre, e tudo pode acontecer-me. Estendo os dedos e maravilho-me com a brisa neste agreste dia de Novembro. A proteger os olhos com a mão, perscruto o parque à procura da minha velha carrinha *Chevy*. Mas é um mar de *sedans*. Ninguém à vista.

Deve estar a aparecer de um momento para o outro.

Sento-me no frágil banco e franzo a testa quando o plástico protesta sob o meu peso. Ao cabo de vários minutos a remexer-me em busca de uma posição confortável, levanto-me. Recomeço a andar de um lado para o outro.

À distância, a minha carrinha castanha vira para a estrada com uma só faixa de rodagem em cada sentido que leva ao Edifício das Admissões. À medida que se aproxima, faço o que posso para alisar os cabelos e endireitar a camisola. Pigarreio, como se fosse falar, mas a única coisa que faço é olhar. Quando a carrinha entra no parque de estacionamento, distingo os ombros estreitos e os cabelos louro-acastanhados da minha menina.

Fico a ver a Rose Gold arrumar de marcha-atrás num dos espaços marcados no chão. Desliga o motor e encosta a nuca ao apoio de cabeça. Imagino-a a fechar os olhos por um minuto. As pontas dos cabelos que lhe chegam ao peito sobem e descem cada vez que respira. Sempre quis ter os cabelos compridos desde que era criança, e agora tem.

Li não sei onde que uma pessoa média tem cem mil cabelos na cabeça – mais no caso das louras, menos no das ruivas. Pergunto-me quantos fios serão necessários para encher um punho. Imagino-me a puxar a minha filha para um caloroso abraço, a enrolar-lhe as madeixas à volta dos dedos. Sempre lhe disse que o melhor era usar a cabeça rapada. Uma pessoa fica muito menos vulnerável – não há nada que alguém possa agarrar.

As filhas nunca ouvem o que as mães dizem.

Quando ela endireita a cabeça, os seus olhos encontram os meus. Levanta o braço e acena-me como uma *Homecoming Queen* a desfilar num atrelado cheio de flores. O meu braço agita-se no ar e espelha a excitação dela. Distingo os contornos de uma cadeirinha de bebé na segunda fila de bancos da carrinha. O meu neto deve estar lá sentado.

Desço do passeio e dou um passo na direção da minha família. Passaram quase vinte e cinco anos desde o meu último bebé. Dentro de segundos os seus minúsculos dedinhos estarão enrolados à volta dos meus.